

Rosana Paulino: Enunciações Poéticas de Arte Africana Contemporânea

Célia Maria Antonacci*

* PhD em Comunicação e Semiótica, PUC, São Paulo. Pós-doutorado no Centro de Estudos do Mundo Africano- CEMAf, Paris. Professora Titular, UDESC, Florianópolis.

Resumo |

Partindo da atualidade das obras de Frantz Fanon (*Pele Negra, Máscara Branca e Os Condenados da Terra*), e de François Vergès (*L'Homme Prédateur, Ce que nous Enseigne l'Esclavage sur notre Temps*), este artigo segue as pesquisas da artista brasileira Rosana Paulino para propor uma reflexão, sobre os infortúnios do colonialismo, tais como: o racismo, a exclusão política e social; e pensar como – através de pesquisas em arte – podemos “sair da grande noite”, como já propunha Frantz Fanon.

Palavras-chave: Arte. Colonialismo. Racismo.

Abstract |

Starting from Frantz Fanon statements in *Black Skin White Mask* and *The Wretched of the Earth*, and from François Vergès in *L'Homme Prédateur, Ce que nous Enseigne l'Esclavage sur notre Temps*, this article follows the artistic research of Rosana Paulino, in order to propose a reflection about the misfortunes of colonialism, such as: racism, political and social exclusion, and think how through research in art we can "shake off the darkness", as Frantz Fanon had already proposed.

Keywords: Art. Colonialism. Racism.

Vamos, camaradas, desde já, é melhor decidir virar a página. É preciso sair da grande noite em que fomos mergulhados. O novo dia que já se levanta deve encontrar-nos prudentes e resolutos. (FANON, 2013, p. 36)

No começo do século XX, Picasso, confrontado com esculturas e máscaras africanas, abandona o ponto de fuga, as proporções áureas e o equilíbrio das formas e apresenta ao mundo europeu “Les demoiselles D’Avignon”, uma pintura de cinco donzelas de corpo grego-renascentista e máscaras africanas. Tal ousadia encantou Braque, Paul Klee, Matisse, Satie e outros tantos artistas do começo do século XX, que passam a copiar as formas, os materiais empregados, os suportes e até as melodias de culturas extra-europeias, consideradas nas ciências políticas como povos primitivos: sem história, religião e política.

Essa mudança de paradigma estético não foi um fato isolado. Ela foi possibilitada pela colonização de outras culturas com objetivo de atender às necessidades econômicas e políticas do começo do século XX e ocorreu em meio a uma vaga de ideologia capitalista que expropriou os bens e as culturas de povos não europeus, atribuiu a eles conceitos de inferioridade e, sobretudo, tornou-os escravizados, comercializados e estigmatizados com objetivo de estabelecer a superioridade econômica e política dos povos brancos, na época, especialmente europeus.

Essa euforia de conquistar e dominar povos e terras distantes e levar a eles a civilização europeia, introduziu na sociedade ocidental a noção de “Modernidade”. Logo percebemos que Modernidade e colonialismo são duas faces da mesma moeda. Nessa perspectiva, ainda que na arte houvesse forte valorização da estética de povos africanos, indígenas, caribenhos ou indonésios, importante observarmos que o negro e outros povos colonizados e escravizados, a fim de atender às políticas de colonialismo da época, deveriam permanecer subalternos.

Sobre a violência e a economia da predação, escutemos o que Françoise Vergès (2011, p. 56) diz:

A escravidão produziu uma cultura de punição e tortura. É também uma cultura de humilhação que procura destruir toda a humanidade dos escravos. A escravidão confere a quem comanda, mesmo se ele está bem embaixo da escala hierárquica, uma satisfação e um sentimento de superioridade: sua palavra, sua pessoa, seu status social serão sempre de superioridade à dos escravos. (tradução nossa).

A esse respeito, a arte brasileira documenta a pintura a óleo *Mãe Preta*, de Lucílio de Albuquerque¹, 1912, que retrata uma mãe preta que deixa seu filho ao chão para amamentar um bebê branco, supostamente filho de sua patroa, ou a tela *Limpendo Metais*², de Armando Vianna, 1923, que mostra a desolação de mulher negra polindo as pratarias de seus senhores – dois exemplos que podem ser vistos como perda de autonomia de pessoas escravizadas.

Continuando com Vergès (2011, p. 56):

A escravidão é um sistema hegemônico em que o escravo perde toda a autonomia. Ela consiste em uma morte social, a perda de todos os contatos, o corte da filiação, a exclusão dos seres humanos de tudo que faz deles indivíduos ancorados em uma sociedade hierárquica. Esse estado de morte social distingue a escravidão de outras formas de exploração. O indivíduo não é só privado do fruto de seu trabalho, ele é também de toda sua identidade social. Ele perde seu patrimônio, ele não tem nenhuma autoridade sobre sua vida, seu testemunho não tem nenhuma legitimidade. Os danos serão tão grandes, que inscrevem traços indelévels que fazem permanecer a vergonha. (tradução nossa)

¹ Disponível em: <http://www.pinturasemtela.com.br/lucilio-de-albuquerque-pintor-e-desenhista/>

² Disponível em: http://www.brasilartesciclopedias.com.br/mobile/nacional/vianna_armando04.htm

Entretanto, Vergès (2011, p. 36) insiste sobre o fato de que as humilhações e as desumanizações, causadas pela escravidão, não impediram o ato criativo; ele sempre permaneceu entre os povos escravizados, não por causa dele, e sim apesar dele. A vitalidade de criação cultural dos escravos e seus descendentes permaneceu na música, na literatura, nas artes visuais.

Após a queda do Muro de Berlim e o fim da ditadura na América Latina (1989), essa Modernidade colonialista é colocada em cheque, e em muitos campos do saber questiona-se a geopolítica do conhecimento a partir da Europa. As histórias e as ideias daqueles que Fanon denominou “Os Condenados da Terra”, que foram abaladas de seus lugares e culturas de origem, passaram a manifestar-se e a denunciar as feridas coloniais, fossem elas físicas ou psicológicas, as consequências da escravidão e do racismo, da superioridade masculina, as questões de gênero, de preferências sexuais e religiosas que transformam agora não mais a geopolítica das fronteiras, das línguas e das estéticas, mas também a geopolítica do conhecimento e da memória dos excluídos da História Oficial, que relatam e/ou denunciam – via arte e outras pesquisas na história e nas ciências – sentimentos, angústias, desejos. Segundo Walter Mignolo (2007, p. 34):

Os danados se definem pela ferida colonial, e a ferida colonial, seja física ou psicológica, é consequência do racismo, o discurso hegemônico que põe em questão a humanidade de todos os que não pertencem ao mesmo *lòcus* de enunciação e à mesma geopolítica do conhecimento dos que criam os parâmetros de classificação e se outorgam a si mesmos o direito de classificar. (tradução nossa)

Seguindo as teorias de uma nova esquerda, que se dedica a estudar as culturas, a partir de processos descolonizadores, muitos artistas rompem com a ideia de que o espaço artístico tem de seguir os preceitos europeus, que estabelecem as estruturas de valores estéticos e determinam o que é arte. Surge um novo humanismo independente

de preceitos hegemônicos, colonizadores do corpo, do saber, das epistemologias. As poéticas são direcionadas à problemática da marginalidade, daqueles que não são assimilados na política da cidade, da educação, dos que não têm o direito à palavra, à dignidade social, à liberdade religiosa, à vida e são escravizados, explorados na força do trabalho.

Ao abandonarem as ditaduras do Imperialismo, os artistas pesquisam como os indivíduos relacionavam-se com suas estéticas, como eles próprios se identificam com suas realidades, com as geografias da cidade e do corpo. Pesquisam outras áreas de conhecimento como a antropologia, a história, a religião, a política, as ciências, os arquivos oficiais e os de memórias e fazem da arte um laboratório cultural de descontinuidades estéticas e afirmação política.

Entre os inúmeros artistas pesquisadores das mazelas políticas, dos estigmas culturais, religiosos ou sociais, que poderiam aqui ser apresentados, trago a artista Rosana Paulino³.

Rosana Paulino, reflexões e obra

Rosana Paulino é natural de São Paulo, capital. Ela é bacharel em gravura pela Universidade de São Paulo - USP, cursou especialização em gravura na *London Print Studio*, em Londres, e realizou doutorado na USP. Durante o verão de 2012, a convite do Instituto Tamarind, no Novo México (EUA), participou de um programa de intercâmbio em que os artistas trabalharam em pares binacionais para criar litografias que investigassem questões interculturais, tais como: igualdade, inclusão social e identidade. Em 2013, mais um convite de residência levou-a à Itália, no Bellagio Center, onde Rosana teve a oportunidade de dialogar com intelectuais de outros campos do saber e refletir sobre

³ Todas as falas de Rosana Paulino referem-se à entrevista a mim concedida em 2014, quando realizei um vídeo documentário sobre sua obra. O vídeo pode ser assistido no site: www.vimeo.com/celiaantonacci.

seu trabalho nas artes visuais. Em 2014, a convite da curadora Bisi Silva, da Nigéria, integrou um grupo de artistas e ministrou cursos durante a 11ª Bienal de Dakar. Além desses cursos e intercâmbios, Rosana tem exposto em muitos espaços de museus e galerias no Brasil e no exterior⁴.

Descendente de africanos escravizados no Brasil, seu foco de investigação tem sido a mulher, principalmente a mulher negra dentro da sociedade brasileira. Em suas pesquisas e poéticas visuais, Rosana procura investigar “o que é ser mulher, o que é ser negra na sociedade brasileira. Quais são os preconceitos e as marcas que a escravidão deixou em nós” e prossegue:

Essa questão da mulher negra está presente na minha vida porque eu sou negra, sou descendente de negros. A primeira coisa que me chamou a atenção foi o fato de que não tínhamos bonecas negras para brincarmos e todos os modelos que apareciam na TV e nos livros infantis eram sempre da fada e da princesa linda, loira e de cabelos lisos. Isso me chamava a atenção, brincávamos de colocar uma toalha na cabeça para representar o cabelo loiro e liso e pensávamos que isso era normal. Só quando fui crescendo é que percebi essa exclusão, esses parâmetros. Porque a mulher negra sempre aparecia na TV no papel de empregada doméstica ou como mulata gostosa, sempre nessa situação, sempre nos papéis de excluídos. Obviamente isso foi chamando minha atenção. À medida que eu fui estudando, eu trouxe isso para meu trabalho porque é isso que me incomoda. Eu só consigo trabalhar de fato com as questões que me incomodam. (informação verbal)

Uma das primeiras observações de Rosana, como artista visual, foi a invisibilidade dos negros no meio social. Onde estão os negros nas universidades brasileiras, nas cidades, nos shopping centers, no nosso meio social? Com o objetivo de manifestar a presença dos negros na sociedade brasileira, ainda durante o curso na USP, Rosana revisitou

⁴ Sobre as exposições, consultar o site:
<http://www.rosanapaulino.com.br/exposicao-assentamento-em-americana/>.

seu passado nos álbuns de família e edificou a obra “Parede da Memória”.

Parede da memória

Desde criança eu gostava de mexer numa caixa de fotos que nós temos aqui em casa e, quando chegou a esse momento eu disse: ótimo! Vou trabalhar com as fotos de família. Eu posso saber quem sou eu, de onde vieram meus antecedentes, meus pais, minha mãe, minha avó, Eu não sou fotógrafa, eu tenho muita dificuldade com a fotografia pura, mas eu gosto de colocar as fotografias em outras situações. Daí veio “Parede da Memória”. (informação verbal)

Rosana conta que, para fazer esse trabalho, houve um componente de afeição e de memória muito grande, porque além das fotos de família, também a lembrança de um *Patuá*, que ficou pendurado por dez anos na porta da sala de sua casa, como proteção da família.

Quando eu era criança, eu tinha uma grande curiosidade, o que era aquilo, o que tinha dentro daquele *Patuá*? Só que não se pode mexer, só quem o fez é que pode saber o que tem lá dentro. (informação verbal)

Apoderando-se dessa forma envolta em mistérios e lembranças, Rosana selecionou onze fotos dos álbuns de família, imprimiu-as sobre pequenos *Patuás* confeccionados por ela, e chegou a montar um trabalho com até mil e trezentos *Patuás*.



Foto: Rosana Paulino

Para Rosana, esse trabalho

tem uma questão da multidão, essa coisa de ignorar. Você ignora uma dessas pessoas na multidão, mas não ignora mil e trezentos olhos em cima de você. Tem a questão da origem, de onde eu vim. O Patuá é um objeto da cultura brasileira, da umbanda, para ser mais exata. Tem a questão da costura, minha mãe era costureira, eu vi muito minha mãe passando noites e noites costurando para poder pagar os estudos meus

e de minhas irmãs. Isso toca a gente, eu tive uma educação um pouco antiga, eu aprendi a bordar, eu fiz enxoval, tudo isso foi constituindo a minha formação. Criar a partir de um microcosmo de uma família negra aqui de São Paulo para pensar uma questão maior de Brasil. (informação verbal)

Grande desenhista e gravadora, Rosana não se limita a essas técnicas consideradas nobres no sistema das artes. Em algumas ocasiões, ao perceber que o desenho e a gravura lhe impõem limites, ela não se intimida e desenvolve seus trabalhos em outras técnicas, como o bordado, a costura, a fotografia ou a foto transferência e a cerâmica e diz:

Eu sou bacharel em gravura pela USP. Gosto muito do desenho. Resolvo boa parte de meus trabalhos com o desenho. Mas num determinado momento o desenho e a gravura começaram a me impor certa limitação para as pesquisas. Eu queria lidar de forma mais contundente com o fato de ser negra, e isso a fotografia me dava. Eu gosto muito é de trabalhar com a foto já feita, porque ela tem um afeto muito grande. Eu lembro que eu li um texto do André Bazin que ele dizia que as fotos eram pequenas múmias de papel. Isso foi uma abertura para mim. Eu comecei a olhar as fotos de maneira diferente. (informação verbal)

Seguindo suas experiências com costura, bordado e fotografia, e incomodada com a violência doméstica e a censura às mulheres brasileiras, especialmente as negras, Rosana desenvolveu uma série de trabalhos em bastidores, suporte comumente usado para auxiliar no bordado doméstico.

Bastidores

Rosana conta que uma de suas irmãs é especialista em relações familiares, em violência doméstica, principalmente com a violência sexual contra crianças. Interessada em conhecer mais sobre as

ocorrências agressivas no interior das famílias, Rosana passou a conversar com essa irmã e começou a indignar-se sobre como pequenos elementos do cotidiano eram usados para indicar poder, tais como: garfos, agulhas, cigarros. Incomodada com as narrativas agressivas, Rosana logo pensou em abordar esse assunto, que muitas vezes é tabu na sociedade, na arte. Conta ela:

Um dia fui passear na 25 de março, aquela rua de SP que tem tudo de bom que um artista gosta, linhas, agulhas, eu adoro, e eu vi os bastidores e quando eu vi os bastidores, eu vi o trabalho pronto. Comprei uma dúzia e vim correndo para casa, peguei as minhas imagens de família e algumas que uma amiga tinha deixado a minha disposição e comecei a fazer os testes. Alterei as imagens, mudei o tom das imagens, coloquei mais preto e depois transferi essa imagem quimicamente para o tecido. Esticava as imagens no bastidor e começava a bordar pontos que eram importantes para mim. Então, nós temos a questão de que todas as mulheres no trabalho dos bastidores são negras. Então, temos a questão do racismo, dentro dessa questão vem embutida outra que é a da violência doméstica, não que só as mulheres negras sejam vítimas de violência doméstica, infelizmente são de todas as classes. Mas aí entra outra questão. Quando você pensa numa imagem do protegido, uma imagem quase bucólica, a mulher sentada bordando pacificamente. Então, eu inverteo essa relação quando eu venho com aquela linha preta e costuro bocas, gargantas, que é o nó na garganta; os olhos, é a impossibilidade de se ver no mundo; costuro a boca, a impossibilidade de defesa, de lutar por seus direitos. A mulher negra é a base da base da pirâmide. Ganha menos, tem mais dificuldade de encontrar emprego com a mesma formação que as brancas e ganha menos. Esse é um trabalho que se lê em camadas, tem várias possibilidades de leitura. São aquelas que não são vistas, estão nos bastidores da sociedade. (informação verbal)

Mais uma vez, Rosana retorna seu pensamento já expresso na obra “Parede da Memória”: a invisibilidade, o descaso, a inferioridade, a agressão à população negra no Brasil.

Uma das questões que me interessa bastante é a relação arte/ciência. Me chama a atenção essa relação como se pensava a ciência, a eugenia, essas questões tentando provar a superioridade de uma raça sobre outra, a gente sabe em que isso deu, não vale a pena comentar. (informação verbal)

Instigada a entender as origens e os fundamentos do colonialismo racial, Rosana foi pesquisar as teorias que sustentavam o racismo e logo deparou com a atuação do médico e biólogo suíço, naturalizado norte-americano, Louis Agassiz, que em 1865 veio ao Brasil comandando a Expedição Thayer com o objetivo de observar escravos e seus descendentes e provar que negros e brancos pertencem a raças diferentes, por isso não podiam habitar o mesmo espaço. A fim de provar suas teses racistas, Agassiz encomendou ao fotógrafo franco-suíço, Augusto Stahl, então residente no Rio de Janeiro, uma série de imagens de africanos que ali viviam. Stahl fotografou dezenas de pessoas nuas didaticamente arranjadas para representarem a veracidade das teorias de Agassiz. Ele instituiu esse padrão de fotografia científica (frente, lateral e costas), ainda usado na fotografia antropológica⁵. Rosana encontrou parte dessas fotografias num livro editado por Ermakoff, observou essas imagens e começou, durante o intercâmbio no Tamarind, em Albuquerque, no Novo México, a trabalhar em uma série que chamou “Assentamentos”.

⁵ Essas fotografias tiradas no Brasil estão arquivadas no Peabody Museum, em Harvard. Agassiz julgava os negros inferiores e considerava a miscigenação um fator de degeneração da humanidade – fruto da criação divina. Nesse sentido, sua viagem ao Brasil tornou a Amazônia uma espécie de laboratório de estudos sobre a mestiçagem brasileira e pretendeu fortalecer o campo político da elite norte-americana, que pregava a segregação dos negros. Ele diz, explicitamente: “Aqueles que põem em dúvida os efeitos perniciosos da mistura de raças e são levados, por falsa filantropia, a romper todas as barreiras colocadas entre elas deveriam vir ao Brasil”. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Louis_Agassiz>. Acesso em: 24 jan. 2015



Foto: Celia Antonacci (fonte: Emarcof)

Assentamento

A palavra assentamento me interessa em dois sentidos. Pelas questões da africanidade e pela questão da fundamentação. Se olharmos a palavra assentamento, ela tem o sentido de assentamento de base, de estrutura, de tijolo, de fundação, mas assentamento para as religiões afro-brasileiras é onde você assenta a força de um templo, a força daquela casa de um templo. O Axé daquela casa. (informação verbal)

Com auxílio de seu assistente, o fotógrafo Celso de Andrade, a imagem pequenina do livro de Ermakoff foi ampliada até o tamanho natural. Com a imagem ampliada, Rosana a recorta e a remonta com uma sutura grossa, feita com linha preta, salientando uma costura agressiva, num ato de representar o corte cultural provocado pelo deslocamento na travessia de um continente a outro, e a costura, o refazimento, a adaptação cultural na nova terra, o Brasil.

Rosana explica que esse cortar e remontar a figura representa o deslocamento e o refazimento das pessoas, que nunca foi completo. “Essa sutura”, explica, “é uma sutura grosseira, pesada, porque é muito da sociedade brasileira. Esses indivíduos, homens e mulheres, nunca foram incorporados pela sociedade como deveriam ter sido”.

No sentido poético de apresentá-los, entre os cortes e as suturas há um embrião, um feto que representa o nascimento dessas pessoas na sociedade brasileira. “Eu fico sempre pensando nesse enraizamento de uma cultura que é transportada de forma violenta como foram os africanos para o Brasil; e, ainda assim, consegue implantar raízes e raízes profundas na nossa cultura”, diz Rosana.

Mais que isso, a artista surpreende com a poética do coração, a humanidade do escravizado. “Aparece o coração”, diz Rosana, “porque eu fico pensando, como era essa memória, como eram esses afetos, a saudade da terra natal. (...) Essa mulher tinha coração, tinha história, ela teve uma vida, teve memórias, afetos.”



Foto: Celia Antonacci

Rosana explica:

Eu parto dessas imagens do livro do Ermakoff, para subverter justamente essa ideia do Agassiz. Essa figura que deveria ser uma figura de degradação, segundo as teorias racistas da época, ela passa a ser a figura de fundação de uma cultura que é a cultura brasileira. Essa inversão que é proposta no trabalho me interessa muito, porque é justamente o oposto do que era colocado nas teorias racistas. O hibridismo tem mais força, é bom. O hibridismo cultural melhor ainda; as culturas se fortalecem, ficam mais interessantes, mais vivas, mais fortes. Essa imagem passa a ser simbolicamente uma imagem fundadora da cultura brasileira, o que era para ser o símbolo da derrocada, passa, ao contrário, a ser o símbolo de uma fundamentação, de um assentamento de uma cultura nova e nascente. Meus trabalhos têm camadas diferentes de leitura. Eles tanto vão lidar com a questão científica de onde vêm essas imagens, quanto com o refazimento, essa transformação que é feita quando se chega a solo brasileiro que a gente vai ter esse enraizamento, a criação de uma nova cultura. (informação verbal)

As poéticas da obra “Assentamento” foram desenvolvidas primeiramente “numa série de quatro gravuras durante a residência artística no Tamarind, em Albuquerque, no Novo México, já citado, e posteriormente ampliado o trabalho em linóleo para uma exposição no Museu de Arte Contemporânea de Americana, interior de São Paulo.

Sempre na perspectiva da pesquisa transdisciplinar, Rosana recentemente apresentou um trabalho no IPN (Instituto dos Pretos Novos), um Museu Memorial fundado em 2006, no Gamboa, Rio de Janeiro, após uma descoberta arqueológica de 1996, que encontrou, ao acaso de uma construção civil, ossadas humanas do século XVIII, revelando esse local como o antigo Cemitério dos Pretos Novos – denominação de escravos recém-chegados ao Brasil para o Mercado de Escravos no Rio de Janeiro.

Encoberto por construções residenciais, a descoberta desse Cemitério revelou mais um dos inúmeros genocídios da História, que o Brasil pós-abolição tentou apagar da História Oficial. As milhares de ossadas de escravos, ali encontradas, indicam que os africanos que não aguentavam as condições precárias dos navios negreiros no século XVIII eram enterrados em valas comuns, como sujeitos anônimos, simples mercadorias descartáveis.

Indignada com mais uma revelação de atrocidades escravagistas, Rosana comenta, “Eu fiquei muito chocada com a descoberta do Cemitério dos Pretos Novos, onde foram enterrados os que haviam morrido durante a travessia”.

Nessa ocasião, Rosana conta que ganhou do fotógrafo Celso Andrade o livro “Flora Brasílica”, de F.C. Hoehne, de 1943. Observando esse livro de catalogação da flora brasileira e lembrando das ossadas encontradas, Rosana remeteu-se ao Brasil colônia, aos tempos do nascimento de nossa cultura. “O Brasil foi pensado num primeiro momento como um enorme armazém onde se tinha a flora, a fauna

para ser explorada e onde o elemento humano também foi visto como um dos fatores a ser explorado”, comenta ela.

Convidada a participar de uma residência no Bellagio Center, na Itália, Rosana partiu para lá levando na bagagem o livro “Flora Brasílica” e as dolorosas lembranças da descoberta das ossadas. Nesse lugar distante do Brasil, e com lembranças próximas, Rosana começou a juntar em colagens elementos da Flora, recortados do livro, e imagens de africanos escravizados no Brasil. Logo os ossos também aparecem na composição, revelando, sempre com muita poética, a dor da escravidão, a lembrança dos que foram sombras na cultura brasileira e dos que só foram noticiados após a descoberta casual de um Cemitério clandestino do século XVIII.



Foto: Celia Antonacci

A ideia é que essas pessoas não eram pessoas, eram sombras de pessoas, sombras de cidadãos. Eu penso que a escravidão, esse período da História em relação ao Brasil, é a sombra do país, psicologicamente falando. Este trabalho mostra como o Brasil é uma das sociedades mais desiguais do mundo. Onde o trabalho não é valorizado, o trabalho manual, menos ainda. (informação verbal)

Reflexões entre arte e ciências humanas

A escravatura, como sistema oficial, foi abolida no ocidente desde o século XIX. No Brasil, a Lei Áurea de 13 de maio de 1888 outorgava liberdade aos escravos. Entretanto, perguntamos: em que medida e circunstâncias a escravidão foi abolida? A Declaração Universal de Direitos Humanos, adotada em 10 de dezembro de 1948, sessenta anos depois da Lei Áurea, estipula em seu 4º artigo que “ninguém será retido como escravo nem como subalterno; a escravidão e o tráfico são proibidos sob todas as formas”. Essas Leis mais recentes revelam que os sistemas de escravagismo não se intimidam perante as Leis. A Lei em si não é suficiente para impedir o tráfico de pessoas, os trabalhos forçados, o constante aumento do tráfico de mulheres e crianças com objetivo de exploração de seus corpos. Vergès (2011, p. 194-195) lembra-nos de que:

A imaginação humana é infinita para se aproveitar da vulnerabilidade das pessoas. (...) São os mais fracos, os mais vulneráveis que, ontem como hoje, constituem a maioria das vítimas do tráfico de escravos. Os grupos mais expostos à predação escravagista são os excluídos do poder: as mulheres e as crianças. (...) a indiferença, a corrupção, o sentimento de impotência, medo ou consentimento das vítimas contribuem para manter a escravidão. (tradução nossa)

A História do Brasil de ontem e de hoje não pode ser estudada sem as agressivas implicações da escravidão, bem como sem salientar as importantes contribuições da cultura africana em todos os setores

do cotidiano da nação Brasil. Hoje, artistas, historiadores e ativistas negros manifestam-se, com liberdade, sobre a escravidão do passado e proclamam, com apreensão, um combate às novas formas de escravidão no presente. As pesquisas de Rosana Paulino direcionam-nos a um caminho de encruzilhada artística, científica, social, política e cultural. Elas são passíveis de muitas camadas de leitura, como diz Rosana, mas estão sempre associados ao corpo, ao corpo que se apresenta, interroga e denuncia. Percebemos nas poéticas de Rosana Paulino formas possíveis de trabalhar os limites sociais e epistêmicos, impostos aos escravizados e aos subalternos, a partir da subjetividade. A ferida colonial, de que tanto nos fala Fanon, é uma fonte de resistência e denúncia dos que herdaram, ou ainda enfrentam, a condição de “danados da terra”. Rosana nos diz:

Os artistas africanos têm direito à modernidade, como qualquer outra etnia. Uma questão que eu sempre coloco é que a escolha tem que partir do artista. O que me preocupa é isso se tornar um gueto. Isso é contra qualquer ideia de arte. É uma escolha, e por ser uma escolha, ela tem uma dimensão política, porque quando você tira a capacidade de escolha, você também mata a capacidade de opção política e de reflexão. (informação verbal)

Termino com as palavras de Fanon (2008):

Eu, Homem de cor, só quero uma coisa. Que jamais o instrumento domine o homem. Que cesse para sempre a servidão do homem pelo homem. Ou seja, de mim por um homem. Que me seja permitido descobrir e querer bem ao homem, onde quer que ele se encontre. Minha última prece: Ó meu corpo, faça de mim um homem que questiona!

Referências |

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscara Branca**. Salvador: EDUFBA, 2008.

_____. **Os Condenados da Terra**. Juiz de Fora: UFJF, 2013.

MIGNOLO, Walter. **La Idea de América Latina, la Herida Colonial y la opción decolonial**. Barcelona: Gedisa, 2007.

VERGÈS Françoise. **L'homme prédateur** : ce que nous enseigne l'esclavage sur notre temps. Paris: Albin Michel, Bibliothèque Idées, 2011.

PAULINO, Rosana. **[Entrevista]**. 2014. Entrevistadora: Célia Maria Antonacci.